



**AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius.**  
***Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia***  
**brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. 278 p.**

Glauca Peçanha Alves

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil  
glaupecanha@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0928-9181>

A obra intitulada *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*, de autoria de Eduardo Tadeu Roque Amaral, pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Márcia Sipavicius Seide, pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), é resultado de estudos, de pesquisas e de reflexões teóricas proporcionados pela parceria interinstitucional firmada pelos autores. Amaral e Seide tratam, nessa obra, do objeto de estudo da antroponomástica, subárea da onomástica. A onomástica é a área do conhecimento cujo objeto de estudo são os nomes próprios. Ela se subdivide em duas grandes áreas de investigação: a antroponomástica, ou antroponímia, assim chamada por outros autores, subárea que estuda os nomes próprios de pessoas, e a toponomástica, ou toponímia, subárea que estuda os nomes próprios de lugares.

Segundo os autores, objetivou-se “apresentar ao leitor uma descrição e uma análise dos nomes próprios de pessoas na língua portuguesa do Brasil” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 28). Esse livro é uma obra ímpar no mercado editorial brasileiro. Mais do que suprir uma lacuna na área da linguística no Brasil, ele surge como uma obra de referência para os estudos onomásticos, mais especificamente para a subárea da antroponomástica brasileira, pois reúne diferentes abordagens epistemológicas acerca do tema, levando em conta a dimensão histórico-ideológica, e dissemina as bases teóricas que fundamentam as pesquisas na área.

O livro está dividido em oito capítulos, para além do prefácio, da introdução, das considerações finais e perspectivas e das referências. O prefácio foi assinado por Aparecida Negri Isquerdo, que cumpriu acertadamente o papel de apresentar a obra aos leitores, explicitando seus principais aspectos e objetivos e instigando-os a prosseguirem com a leitura.

No primeiro capítulo, “Panorama dos estudos onomásticos”, são fornecidas informações mais gerais acerca da temática. Os autores apresentam uma densa investigação sobre os nomes próprios, que, entretanto, é exposta de forma breve, com uma excelente seleção dos conteúdos. Eles mostram que o interesse pelos nomes próprios é antigo e “pode ser encontrado em mitos, lendas e textos literários criados há milhares de anos” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 32), mas que seu estudo sistemático e científico é recente, pois teve início no século XIX. Pontuam, ainda, as contribuições dos estudos pioneiros e mostram um recorte do que se tem pesquisado sobre antropônimos no âmbito internacional e nacional, destacando que as pesquisas antroponímicas no Brasil são muito recentes em comparação com as outras mencionadas na obra. O capítulo contém fontes relevantes de trabalhos na área.

No segundo capítulo, “A categoria dos nomes próprios”, Amaral e Seide buscam definir a classe dos nomes próprios. Para isso, recorrem aos aportes das gramáticas tradicionais e descritivas, mas retomam as posições de linguistas contemporâneos, uma vez que os aportes dessas gramáticas não dão conta de elucidar as propriedades específicas dos nomes próprios. Os autores caracterizam os nomes próprios definindo-os como unidades linguísticas sem traços semânticos que identifiquem classe, “que fazem parte do repertório linguístico do falante, possibilitando-lhe fazer referência a uma entidade única em um universo de conhecimento. Em textos escritos, possuem como marca gráfica a maiúscula inicial” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 57). Em seguida, apresentam e discutem as características principais dos nomes próprios, possibilitando a concretização de uma proposta tipológica de nomes próprios. Essa proposta leva em conta critérios linguísticos e sociais para identificar os tipos de nomes próprios, fornecendo, assim, uma relevante contribuição para a área dos estudos onomásticos. Por fim, encerram o capítulo discutindo a presença de nomes próprios na legislação brasileira.

No terceiro capítulo, “Tipologia dos antropônimos”, os autores começam a tratar mais especificamente da temática da obra, mostrando a diversidade interna do conjunto de nomes de pessoa. Para tanto, discutem

a categoria dos antropônimos sob diferentes perspectivas e apresentam uma proposta tipológica para essa categoria de nomes próprios, tipologia também voltada para a realidade do Brasil. Eles dividem a classificação dos antropônimos em duas categorias: antropônimos do registro civil e antropônimos não pertencentes ao registro civil. A primeira categoria contém três subcategorias: prenome, sobrenome e agnome. E a segunda contém onze: apelido, hipocorístico, pseudônimo, codinome, heterônimo, nome artístico, nome de guerra, nome religioso, nome social, nome de urna e nome parlamentar. A tipologia proposta pelos autores contempla as características relevantes da antroponímia brasileira.

No capítulo “Morfossintaxe dos antropônimos”, o quarto do livro, há uma abordagem dos aspectos morfológicos e sintáticos e do fenômeno ausência/presença de artigo diante de antropônimos. Os autores tratam, de forma detalhada e elucidativa, das questões morfológicas sobre a grafia, o gênero e o número, além da derivação morfológica. Por sua vez, quanto às questões sintáticas, tratam da função do antropônimo em uma oração, dos antropônimos usados sem determinante, de construções com antropônimos, dos usos dos antropônimos com adjetivo, com artigo definido, com artigo indefinido e de outras configurações do sintagma antroponímico. De acordo com Amaral e Seide, os fatores trabalhados nesse capítulo “demonstram que o fenômeno da variação da ausência/presença de artigo antes de antropônimos no português brasileiro sofre influência de diferentes fatores, sejam eles linguísticos, sejam extralinguísticos. Embora o fenômeno tenha sido foco de vários estudos, desconhece-se como se dá em muitas partes do país. Por isso, acredita-se que futuras pesquisas poderão contribuir para a elaboração de um mapa mais amplo do tema ao longo do território brasileiro” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 133).

“Semântica dos antropônimos” intitula os capítulos cinco e seis. Devido à dimensão e à importância dessa temática, ela está dividida, nessa obra, em duas partes e, por isso, é tratada em dois capítulos. No capítulo cinco, o estudo do significado dos nomes próprios é abordado sob a perspectiva dos estudos da lógica e da filosofia da linguagem. Ao finalizar esse capítulo, os autores abordam os antropônimos como predicado e discutem a teoria do predicado de denominação dentro do quadro teórico da semântica formal, visto que, segundo a visão de Burge, “os nomes próprios cumprem o papel semântico de predicado em todas as ocorrências” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 155).

No sexto capítulo, Amaral e Seide continuam a abordagem da semântica dos antropônimos, mas, nesse capítulo, pautam-se em Bréal e em Saussure. Eles destacam que “o estudo dos nomes próprios faz parte do escopo pensado por Saussure para a Linguística e que a questão da referência não foi desprezada por ele, foi vista como um terceiro elemento formando uma tríade com o significante e o significado” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 166). E expõem que, para Bréal, “à diferença dos nomes comuns, nos nomes próprios, há uma relação unívoca entre nome e coisa e uma designação específica a seres individuais” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 162). Além disso, eles tratam de questões teóricas recentes e apresentam outras perspectivas teóricas.

No capítulo sete, “Antropônimos e léxico”, há uma abordagem muito interessante e pertinente da relação entre nome próprio e nome comum. Os autores discutem, inclusive, sobre a questão de os nomes próprios não serem dicionarizados, mas, como eles colocam, “essa afirmação deve ser interpretada com base apenas nas entradas lexicográficas” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 176), pois algumas unidades lexicais são formadas a partir de nomes de pessoas como, por exemplo, marxismo. Amaral e Seide apresentam discussões sobre o processo de derivação dos nomes próprios. A seguir, analisam casos de itens derivados de antropônimos em dados da língua portuguesa, exemplificando com ocorrências de nomes de invenções ou descobertas, nomes de marca, nomes de antropônimos ficcionais e nomes de teorias, de doutrinas e relacionados a crenças.

No último capítulo, “Antropônimos e outras áreas”, os autores focam na interface entre os estudos linguísticos e as temáticas literária e migratória. Eles discutem o uso ficcional dos antropônimos e a escolha antroponímica em contextos migratórios. Para tanto, analisam casos de antropônimos em processos de migração, especificamente de migrantes japoneses e lituanos; e analisam, também, os antropônimos dos textos literários com usos transgressores, usos baseados na etimologia e na norma. Por fim, apresentam uma análise da obra do poeta Paulo Leminski.

*Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*, embora seja classificada como uma obra introdutória acerca da antroponímia do Brasil, é muito mais abrangente. Amaral e Seide, formidavelmente, excedem o que se propuseram fazer. Para discutir a temática trabalhada no livro, eles recorrem a diferentes dimensões e enfoques teóricos. E é muito interessante o fato de eles destacarem

outras áreas que estudam os nomes próprios indicando até referências bibliográficas relacionadas a cada uma delas, possibilitando, assim, ao leitor o conhecimento de outras abordagens, outros pontos de vista. Ao longo do livro, eles descrevem algumas pesquisas abrangentes e mencionam outras. Nas considerações finais, inclusive, informam outros trabalhos que foram e estão sendo feitos em outras línguas faladas no Brasil, como as línguas indígenas. Por fim, pontuam algumas pesquisas que precisam ser realizadas na área.

Conforme os autores destacam, “o interesse pelos estudos onomásticos no Brasil é muito recente, se comparado às pesquisas citadas” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 46) no primeiro capítulo. Entretanto, esses estudos vêm crescendo e constituindo um importante campo da linguística contemporânea. Sendo assim, possivelmente, certos leitores – por exemplo, pesquisadores que estão iniciando na área da antroponomástica – podem buscar no livro algum método de pesquisa na área. Por isso, a obra poderia conter uma seção, um capítulo abordando algumas metodologias, não para indicar a mais ou a menos adequada, mas para apresentar epistemologicamente um panorama que mostrasse os diversos enfoques de pesquisa, o que poderia ser feito em uma futura edição. Todavia, os capítulos apresentados cumprem, de modo plenamente satisfatório, o objetivo proposto pelos autores.

Apesar de ser uma obra essencialmente teórica, é notável, na estrutura de todo o livro, a preocupação com a parte didática, principalmente ao encerrar cada capítulo, pois os autores produziram quadros com a síntese dos capítulos, destacando os principais pontos abordados, mas também pode ser percebida na abundância de exemplos e no uso de uma linguagem simples, objetiva, direta e esclarecedora. Não é como outros livros teóricos em que, muitas vezes, os leitores precisam recorrer a outras fontes para compreender o que está escrito.

Em suma, por essas e outras características, pode-se dizer que, sem dúvidas, a obra apresenta uma importante contribuição aos estudos onomásticos no Brasil, sendo destinada a alunos de graduação, pós-graduação, a pesquisadores e a todos que pretendem conhecer, compreender e adentrar o vasto campo da onomástica.

Recebido em: 14 de janeiro de 2022.

Aprovado em: 17 de janeiro de 2022.